

ANTONIO GIDI

REDAÇÃO JURÍDICA

Estilo Profissional

Forma, estrutura, coesão e voz

Petições, pareceres, sentenças,
memorandos, cartas, e-mails, contratos,
artigos, monografias, dissertações e teses

3ª Edição Revista

2024

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

(Provisório)

FORMA

2.1 ESCREVA DE FORMA CONCISA 1
(FUNDAMENTOS)

[...] não diga pouco com muitas palavras,
mas muito com poucas.

Pitágoras (c. 570 – c. 495 BC)¹

A brevidade é a essência da sabedoria.

William Shakespeare (1564-1616)²

*Usar muitas palavras para comunicar poucas ideias é sinal
inconfundível de mediocridade; compactar um pensamento sólido
em poucas palavras é sinal de genialidade.*

Arthur Schopenhauer (1788-1860)³

*O objetivo é comunicar a maior quantidade de ideias com a
menor quantidade de palavras.*

Herbert Spencer (1820-1903)⁴

1. Pitágoras, in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872 ("Sooner throw a pearl at hazard than an idle or useless word; and do not say a little in many words, but a great deal in a few").
2. William Shakespeare, *Hamlet*, ato 2, cena 2, 1602 ("Brevity is the soul of wit").
3. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228-29, 1952 ("A writer must make a sparing use of the reader's time, patience, and attention; so as to lead him to believe that his author writes what is worth careful study, and will reward the time spent upon it. It is better to omit something good than to add that which is not worth saying at all. This is the right application of Hesiod's maxim ... – The half is more than the whole ... Therefore, the quintessence only! To use many words to communicate few thoughts is everywhere the unmistakable sign of mediocrity. To gather much thought into few words stamps the man of genius").
4. Herbert Spencer, The philosophy of style [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 260, 1952 ("... the aim must be to convey the greatest quantity of thoughts with the smallest quantity of words").

2.1.1 Conciso, sucinto e lacônico

Podemos diferenciar *conciso*, *sucinto* e *lacônico*.

Ser *conciso* é escrever de forma eficiente, expressar-se apenas com as palavras necessárias para a comunicação da mensagem.⁵ O estilo conciso é aquele do qual nenhuma palavra pode ser apagada sem perda do sentido.⁶

Um texto conciso não é necessariamente curto, sem detalhes, sem explicações, esquemático ou críptico. Não é o conteúdo que tem que ser conciso, mas sua expressão: um livro de 500 páginas pode ser conciso e um parágrafo de 4 linhas pode não ser. Ser conciso não é citar apenas dois autores (os únicos pesquisados) em seis parágrafos repetitivos, mas sumarizar o pensamento de vinte autores em quantos parágrafos sejam necessários (não mais). O estilo tem que ser compacto, mas o conteúdo pode ser exaustivo.⁷

Por exemplo, eu exijo que meus alunos respondam a prova de forma concisa. Para tirar boa nota, porém, é preciso escrever muito, pois as perguntas são complexas e há muitos aspectos para analisar em cada questão. Cada aluno escreve de 8 a 20 páginas. Ser conciso não é ser telegráfico, mas ir direto ao ponto e analisá-lo sem repetições, sem ruminação, sem transcrições inúteis, sem encheção de linguiça.

O contrário de sucinto é prolixo.

Sucinto é diferente de conciso: é expressar apenas o conteúdo essencial, omitindo detalhes supérfluos.

Conciso é uma característica do estilo; *sucinto* é uma característica do conteúdo. Enquanto ser conciso é a preocupação com palavras e expressões inúteis, ser sucinto é a preocupação com ideias e argumentos inúteis. Um texto pode ser conciso sem ser sucinto ou sucinto sem ser conciso.

O bom escritor é conciso e sucinto, mas sem prejuízo da clareza, da precisão e da correção.⁸

Já *lacônico* tem conotação negativa: o texto lacônico é incompleto, difícil de entender por faltar informações importantes. O bom texto é conciso, pode ou não ser sucinto, mas jamais é lacônico.

2.1.2 A concisão e os demais princípios de estilo

Se você quer ser ferino, seja breve; as palavras são como os raios de sol: quanto mais condensadas, mais profundamente queimam.

Robert Southey (1774-1843)⁹

5. V. Joseph M. Williams & Joseph Bizup, *Style: Lessons in clarity and grace*, p. 132, 2014.
6. V. Ben Jonson (1572-1637), *Timber: or, discoveries made upon men and matter*, 1640.
7. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 405, 1963.
8. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 229-30, 1952.
9. Robert Southey, in Henry Southgate, *Many thoughts of many minds*, p. 71, 1862 ("If you would be pungent, be brief; for it is with words as with sunbeams, the more they are condensed, the deeper they burn.").

Os princípios de estilo são interconectados.¹⁰ O texto conciso é mais claro, mais simples e mais vigoroso. A concisão também está ligada a períodos e parágrafos curtos: ao retirar palavras excedentes, o tamanho diminui.¹¹ A concisão também diminui o risco de erro, contradição e ambiguidade.¹² Isso é parte da máxima milenar: “quanto menos você fala, menos você erra”.¹³

Mas os princípios de estilo também são independentes. Uma pessoa pode tanto violar a regra da concisão escrevendo vários períodos pequenos repetitivos e vazios, como pode ser conciso escrevendo períodos e parágrafos longos.¹⁴ Daí a necessidade do tratamento separado de cada princípio.

O texto prolixo é lerdo, flácido, pesado, vagaroso: ele exige maior atenção do leitor para encontrar o seu pensamento no emaranhado de palavras inúteis. Mas o escritor também se perde. Ao perder o controle sobre a forma, perde-se o controle sobre o conteúdo: nem mesmo você consegue entender o que escreveu. Como um polvo em fuga, quando você escreve muito, você esconde sua mensagem na própria tinta.¹⁵ E ao perder o controle sobre o texto, o escritor perde também controle sobre o leitor.

Já o texto conciso é mais fácil de ler, escrever e revisar. Por não conter excessos, o texto é ágil e eficiente, e conduz a um pensamento mais rigoroso. Com palavras concretas e períodos curtos, a lógica do seu pensamento e a relação entre as ideias ficam mais transparentes para você e para o leitor. Como o pensamento flui naturalmente, fica mais fácil estruturar o texto. O texto passa a ser um todo orgânico, em vez de um amontoado de ideias.

Como disse Kristen Konrad Tiscione, ser conciso te ajuda a tomar decisões conscientes e conduz a um estilo mais poderoso.¹⁶ Com maior controle sobre o texto e sobre seu pensamento, é mais fácil obter precisão e clareza: você pode detectar mais facilmente falhas no seu raciocínio e aprimorar o conteúdo. Ao ver a realidade com mais precisão, você consegue escrever de forma mais clara ainda, num círculo virtuoso.¹⁷

Como todo princípio, porém, a concisão pode ceder a outros princípios: quando a concisão é um obstáculo à clareza ou à precisão, estas últimas sempre prevalecem. Para evitar imprecisão ou ambiguidade, pode ser necessário expandir o texto com mais informações ou repetir uma palavra ou uma ideia.¹⁸ Não apague palavras que dão clareza do texto, porque a clareza é o valor mais importante no estilo jurídico.

10. V. Capítulos 1.1.5, *Os princípios de estilo se complementam e se contradizem*; 2.3.1, *Precisão e clareza*; 2.5.1, *A clareza e os demais princípios de estilo*; 2.8.1, *O jurídiquês estrutural*.

11. V. Capítulos 3.2, *Escreva frases curtas*; 3.5, *Escreva parágrafos curtos*.

12. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 389, 1963.

13. Solomon Ibn Gabirol (c. 1020-1070), *Choice of pearls*, p. 80-81, 1925.

14. V. Capítulo 3.3, *Escreva frases longas*.

15. John Ray, *The wisdom of God manifested in the works of the creation*, p. 339, 1743.

16. Kristen Konrad Robbins-Tiscione, *Rhetoric for legal writers*, p. 229, 2016.

17. V. Capítulo 5.2.4, *O círculo virtuoso da revisão*.

18. George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], p. 130-31, 1894.

A concisão deve ser sempre buscada. A verbosidade pode nascer do excesso de cautela, uma determinação de ser claro, didático ou explícito a todo custo. Provavelmente com medo de escrever algo incompleto ou impreciso, juristas escrevem demais. Essa boa intenção tem o efeito inverso, de poluir o texto e esconder a mensagem.¹⁹ A sugestão de escrever de forma concisa, porém, não é uma autorização para escrever em blocos de 140 caracteres.

O escritor experiente reconhece que o texto conciso é mais vigoroso, mais robusto e, portanto, mais persuasivo. Já dizia São Francisco de Sales que quanto mais você fala, menos as pessoas se lembrarão da sua mensagem.²⁰ Quanto mais simples, mais direto e mais conciso o texto, mais rápida a leitura e mais memorável a mensagem. A ideia se projeta com maior vigor e tem mais impacto no leitor. Como disse Robert Southey, “se você quer ser ferino, seja breve; as palavras são como os raios de sol: quanto mais condensadas, mais profundamente queimam”.²¹

É preciso, portanto, encontrar o equilíbrio entre os princípios de estilo, que se complementam e contradizem. Esse objetivo fica mais fácil de atingir quando se pensa na necessidade do leitor.²²

2.1.3 Galho seco, capim e gordura

não se atinge a perfeição quando já não se tem mais nada a acrescentar, mas quando já não se tem mais nada a retirar.

Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944)²³

Várias metáforas podem ser empregadas para explicar o ato de apagar palavras e expressões inúteis. A tarefa é equivalente a podar os galhos secos de uma planta, para ela crescer forte e saudável; arrancar o capim para deixar a grama crescer; eliminar a gordura para que o músculo se desenvolva; cortar a pele morta; cortar a ponta dos cabelos para eles crescerem viçosos e brilhantes.

A mensagem por trás dessas imagens é clara: retirar as palavras inúteis é remover uma força negativa que impede o desenvolvimento da ideia. O texto tem que ser musculoso e firme, não lerdo e flácido; denso, não extenso; limpo, não poluído.

Escrever de forma concisa, porém, não é fácil: requer o tempo, o esforço e a dedicação de um jardineiro que cuida do seu jardim, limpando-o e deixando-o saudável e exuberante.²⁴

19. John Halverson & Mason Cooley, *Principles of writing*, p. 190, 1965.

20. St. Francis de Sales (1567-1622), in Henrietta Louisa Lear, *S. Francis de Sales*, p. 45, 1871.

21. Robert Southey (1774-1843), in Henry Southgate, *Many thoughts of many minds*, p. 71, 1862.

22. V. Capítulo 4.1, *Defina a audiência*.

23. Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), *Terre des hommes*, p. 60, 1939 (“Il semble que la perfection soit atteinte non quand il n’y a plus rien à ajouter, mais quand il n’y a plus rien à retrancher”); *idem, Wind, sand, and stars*, p. 66, 1939 (“... perfection is finally attained not when there is no longer anything to add, but when there is no longer anything to take away...”).

24. William Zinsser, *On writing well*, p. 12, 2006.

Escritores inexperientes se apegam emocionalmente ao que escrevem e não conseguem se desvencilhar de trechos irrelevantes, mal escritos ou desinteressantes. Ninguém gosta de apagar o que escreveu: uma vez que uma palavra aparece na tela, a tendência é que ela permaneça, ainda que não tenha utilidade para a mensagem. Por isso, é preciso exercer desapego para sentir prazer em podar o texto. Aprecie a oportunidade de apagar a palavra inútil que está escondendo a genialidade da sua ideia.

A tecla *delete* é a mais importante do seu teclado; o ato de apagar, o mais importante do processo de escrita. Apague implacavelmente, apague constantemente, apague até não ter mais o que apagar. Apague, apague, apague. Os grandes escritores deixaram claro que acreditam mais no apagar do que no escrever.²⁵

2.1.4 A irresistível tentação de encher linguça

*Se tivesse tido mais tempo,
eu teria escrito uma carta mais curta.*

Blaise Pascal (1623-1662)²⁶

Você jamais será um bom escritor se não se livrar dos vícios da linguagem relaxada. Não infle o texto com palavras, frases e ideias vazias para demonstrar erudição. Muitos fazem isso inconscientemente para encher linguça. Escrever assim é tão comum que ficou socialmente aceitável. Não há vergonha em ser enrolão. Ao contrário, é algo apreciado pela comunidade jurídica.

Sem nada a perder e com tudo a ganhar, a tentação de encher linguça é irresistível. O principal problema das petições e monografias brasileiras, além da superficialidade de análise, é a enrolação típica de quem recheia a página para impressionar. Ela é fruto da nossa insegurança. O que poderia ser um artigo sólido é esticado além do limite para justificar um livro. Pela minha experiência, toda petição ou monografia pode ser diminuída à metade sem comprometer o conteúdo.

Imagine a economia social de tempo e energia se os escritores cultivassem uma técnica de pensamento lógica e fossem concisos. Se apagássemos apenas 30% do texto, removendo palavras inúteis e repetição, economizaríamos enormemente o tempo de cada leitor. Essa é a responsabilidade social do escritor.²⁷

Mas a verbosidade é uma doença crônica: ela estará sempre dentro de você. Fomos educados sabendo que temos que escrever muito para obter uma boa nota. Escrevemos de forma extensiva com receio de o trabalho não chegar a um tamanho suficiente. Assim, o texto já começa mal escrito. E vamos aumentando aos pouqui-

25. V. Capítulo 5.2.3, *Revisar é apagar; apagar é aumentar* (citando vários escritores).

26. Blaise Pascal, *Lettres provinciales*, 1657 (“Je n’ai fait celle-ci plus longue que parce que je n’ai pas eu le loisir de la faire plus courte”). Ou “esta carta foi mais longa porque eu não tive tempo de fazê-la mais curta”.

27. Thomas de Quincey, *Style* [1841], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 191, 1952.

nhos, acrescentando uma palavra supérflua aqui, uma linha inútil ali, um parágrafo desnecessário acolá. A tentação está sempre presente.

A verbosidade é contagiosa: uma petição longa inspira uma contestação longa, e ambas exigem decisões longas.²⁸ Decisões longas exigem apelações longas, que exigem acórdãos longos. Acórdãos longos inspiram artigos e livros longos. O círculo vicioso se completa quando artigos e livros longos inspiram petições e acórdãos longos.²⁹ Ao final, toda a comunidade jurídica sofre com a falta de controle.³⁰

Passamos a vida aprendendo que é bom escrever muito e desenvolvendo técnicas de extensão artificial do texto. Agora, levaremos o resto da vida desaprendendo esse erro, lutando contra o instinto de enrolador que está dentro de cada um de nós. Como viciados que somos, jamais estaremos completamente curados: devemos estar sempre atentos para não termos recaída.

Mas é difícil o escritor se concentrar na concisão nos estágios iniciais da escrita. Esse é o momento em que você tem que estar livre para colocar para fora suas ideias.³¹ Por isso, o melhor momento para pensar na concisão é nas muitas revisões que você fará ao texto.³² Com a maturidade, porém, você se disciplinará para já escrever de forma concisa desde o início.

2.1.5 Dois tipos de corte

Ao escrever uma história, omita as partes chatas.

Gary Provost (1944-1995)³³

Podemos fazer dois tipos de cortes no texto: o microcorte e o macrocorte.

O corte micro remove a flacidez do estilo: elimina palavras inúteis e troca expressões longas por curtas.³⁴ Este capítulo e o próximo são dedicados ao microcorte.

Mas o bom escritor também faz o corte macro, apagando discussões inúteis ou repetitivas.³⁵ Se um assunto é óbvio, ultrapassado ou irrelevante, corte ou resume a discussão; se um assunto já foi discutido, não repita a mesma discussão sob outro enfoque. Seu texto ficará mais curto, e o que sobrar estará fortalecido. O texto inútil ou repetitivo não somente não contribui para a mensagem como a enfraquece.³⁶

Se o texto é repetitivo, a tarefa de ler passa a ser difícil, cansativa, enfadonha. O leitor pode se irritar e abandonar a leitura, ou pular algumas partes e não enten-

28. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 411, 1963.

29. Tom Goldstein & Jethro Lieberman, *The Lawyer's Guide to Writing Well*, p. 114, 2016.

30. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 62, 2018.

31. Anne Enquist e Laurel Oates, *Just writing: Grammar, punctuation, and style for the legal writer*, p. 119, 2013.

32. V. Capítulo 5.4, *Ignore este livro ao escrever; pratique-o ao revisar*.

33. Gary Provost, *Beyond style*, p. 40, 1988 ("When you write a story leave out the boring stuff").

34. Tom Goldstein e Jethro Lieberman, *The lawyer's guide to writing well*, p. 168, 2016.

35. V. Capítulo 2.2.6, *Escreva sem se repetir*.

36. Tom Goldstein e Jethro Lieberman, *The lawyer's guide to writing well*, p. 168, 2016.

der bem o texto.³⁷ O leitor ocupado não vai reler a mesma ideia várias vezes sem se aborrecer; ele vai fugir da repetição e das partes desimportantes para encontrar algo interessante. Nem assessores lêem tudo; pressionados pela produtividade, eles lêem somente o necessário. Quando o leitor pula o texto, porém, ele pode pular um argumento importante. Você perde controle sobre o leitor e sobre as partes do seu pensamento que serão lidas. O bom escritor, portanto, apaga essas partes inúteis, aquelas que os leitores pulam.³⁸ Isso já foi percebido no Brasil.³⁹ Mas poucos sabem como fugir da prolixidade.

Mantenha o leitor no cabresto curto; não permita que ele tenha espaço para divagar sobre seu texto até encontrar as partes essenciais. Com um texto conciso, você exerce maior controle sobre o leitor. O bom escritor não busca a concisão por respeito ao leitor, mas por interesse próprio: para ter certeza de que será lido. Corte tudo que não for essencial, que não precisa ser lido, que não é excelente, que você não tem orgulho, tudo que é meramente introdutório, secundário, bolodório. Se você conquistar a confiança do leitor de que tudo que você escreve é relevante, ele terá receio de pular uma linha e perder alguma informação essencial.⁴⁰ Escreva um texto conciso, e ele será lido inteiramente.

Isso me lembra uma coleção de livros publicados no Brasil com o subtítulo *Sem as partes chatas*: eram livros de história, psicologia, filosofia e literatura. Esses não eram os títulos na língua original, mas como jogada de *marketing* para o público brasileiro foi perfeita. Por exemplo, o livro *A less boring world history* foi traduzido como *História do mundo sem as partes chatas*; *Psychology for busy people*, como *História da Psicologia sem as partes chatas*; *Philosophy for busy people*, como *Filosofia sem as partes chatas*; *The Western Lit[erature] survival kit*, como *História da literatura ocidental sem as partes chatas*. Brilhante! Faça o mesmo com seu texto: escreva-o sem as partes chatas.

O autor tem que selecionar o que incluir no texto, mas também tem que selecionar o que não incluir. Tão importante quanto escrever algo é reconhecer quando já se disse tudo. Parte de saber o que escrever, portanto, é saber o que omitir: o que você omite é tão importante quanto o que você inclui.

2.1.6 A concisão no inglês

A língua inglesa é obcecada pela escrita concisa: não somente todos os livros de estilo têm um capítulo extenso sobre a concisão, como há livros escritos espe-

37. Arthur Schopenhauer, On style [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 232, 1952.

38. Gary Provost, *Beyond style*, p. 40, 1988. V. ainda Elmore Leonard, Writers on writing, *The New York Times*, 16 de julho de 2001; *idem*, *10 rules of writing*, 2007.

39. Pedro Leal Fonseca, Fim do juridiquês: Falta de clareza em textos faz juiz pular parágrafos, *Conjur*, 31 de março de 2010.

40. Ralph Waldo Emerson, *Journals of Ralph Waldo Emerson*, v. IX, (1856-1863), p. 436, 1914.; Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 154, 2013.

cialmente sobre o assunto, inclusive um dicionário do estilo conciso, que ensina a identificar e corrigir prolixidade. Em 577 páginas, apresenta milhares de expressões prolixas, com a versão concisa ao lado.⁴¹

Em inglês há uma expressão, sem tradução perfeita, que sintetiza bem a obsessão dos americanos por um texto sucinto: *wordy*. “Você é *wordy*” é uma das críticas mais constrangedoras que se pode fazer a um escritor: você usou mais palavras que o necessário para transmitir uma ideia.

Em português, pode-se dizer *prolixo*, *palavroso* ou *verboso*. Silvio Romero, por exemplo, disse que José de Alencar: “se distinguiu sempre ... pel[o] gosto das divagações palavrosas”.⁴² Apesar dessas palavras terem o mesmo sentido de *wordy*, seu uso é raro no Brasil e não têm o mesmo poder ofensivo. Afinal, escrever de forma prolixa não é uniformemente repudiado em nossa cultura. No contexto jurídico, é quase um elogio.

Concisão pode parecer mero capricho estético num mundo cercado de problemas catastróficos: pandemia, mudança climática, choque de asteróide. Se você fosse o líder de uma nação em guerra, prestes a ser invadida por uma potência bélica assustadora, a última coisa que passaria pela sua cabeça seria pedir aos funcionários do Ministério da Guerra que escrevessem relatórios sucintos. Mas você não é Winston Churchill:

Secreto

W.P. (G)(40) 211

9 de agosto de 1940

GABINETE DE GUERRA

BREVIDADE

Memorando do Primeiro Ministro

Para fazer nosso trabalho, todos temos que ler um amontoado de documentos. Quase todos são longos demais. Isso desperdiça tempo, porque temos que gastar energia para encontrar os pontos principais.

Eu peço aos meus colegas e seus subordinados que redijam relatórios curtos.

O objetivo é produzir relatórios que coloquem os pontos principais em uma série de parágrafos curtos e precisos.

...

Vamos acabar com frases do tipo: “é também de extrema importância ter em mente as seguintes considerações...” ou “atenção deve ser dada para a possibi-

41. V. Robert Hartwell Fiske, *To the point: A dictionary of concise writing*, 2014. V. ainda Roy Peter Clark, *How to write short*, 2014; Richard A. Lanham, *Revising prose*, 2007. Na área jurídica, v. Sandra J. Oster, *Writing shorter legal documents*, 2011.

42. Silvio Romero, A poesia popular no Brasil, *Revista Brasileira*, v. III, p. 336, 1880.

lidade de levar a efeito...” A maioria dessas frases nebulosas são mero enchimento, e podem ser omitidas ou substituídas por uma única palavra. Vamos escrever com frases curtas e expressivas, mesmo que elas pareçam coloquiais. Relatórios escritos da forma que eu proponho podem parecer rudimentares comparados com a superfície do jargão oficial. Mas a economia de tempo será enorme, e a disciplina de demonstrar os temas de forma concisa será uma ajuda ao pensamento claro.⁴³

Churchill é famoso também por ter recomendado ao seu diretor de inteligência militar a leitura do dicionário de usos de Fowler, quando ele empregou *intensivo* em vez de *intenso*.⁴⁴

Claro que a Inglaterra não ganhou a guerra contra a Alemanha por causa da precisão e concisão estilística da sua burocracia. Se os americanos e russos não tivessem entrado no conflito, os ingleses hoje estariam falando alemão e comendo chucrute (um *upgrade* na culinária inglesa). Mas a preocupação com a linguagem no meio de uma guerra mundial demonstra sua importância prática.

A língua inglesa não é naturalmente concisa nem atingiu a perfeição. Essa conquista foi um trabalho incessante de várias gerações. Vários autores de estilo ainda censuram a verbosidade do inglês. Para William Zinsser,

Entulho é a doença da escrita americana. Nós somos uma sociedade sufocada com palavras desnecessárias, construções circulares, floreios pomposos e jargão inútil.⁴⁵

O trabalho desses estilistas tem dado resultado: o inglês é hoje mundialmente admirado pela concisão, clareza e simplicidade. Muitos pensam que essa é uma qualidade natural do idioma, sem saber que por trás dessa história de sucesso há séculos de depuração linguística.

2.1.7 O princípio da leitora ocupada

Quanto mais tempo e atenção o leitor precisar para processar e compreender cada frase, menos tempo e atenção ele terá para entender a ideia, e menos vivamente ele vai entendê-la.

Herbert Spencer (1820-1903)⁴⁶

Se você quer escrever bem, parta do pressuposto que sua leitora é ocupada e que seu texto não será a coisa mais importante que ela lerá no dia.⁴⁷ A leitora ocu-

43. *War Cabinet Paper n. 211*, de 9 de agosto de 1940 (Secret).

44. Memorando do Primeiro Ministro Churchill para o Diretor de Inteligência Militar, 19 de março de 1944, in Winston S. Churchill, *The Second World War: Closing the ring*, p. 701, 1951.

45. William Zinsser, *On writing well*, p. 6, 2006 (a primeira edição é de 1976).

46. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 239, 1952 (“The more time and attention it takes to receive and understand each sentence, the less time and attention can be given to the contained idea; and the less vividly will that idea be conceived”).

47. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 239, 1952.

pada não tem tempo para garimpar suas preciosidades e ficará irritada se tiver que se esforçar para compreender seu pensamento. Não esconda sua joia num monte de entulho só porque você quer impressioná-la com um texto grande e elaborado.⁴⁸

Em um mundo marcado pelo excesso de informações, qualquer atalho é bem-vindo. A leitora ocupada lerá seu texto por um período menor que o necessário para digerir cada curva do seu raciocínio. Portanto, condense seu estilo, eliminando repetições e palavras inúteis. Eliminando as partes que você não faz questão que sejam lidas, você ressalta as importantes.

Ao analisar os princípios de estilo, Herbert Spencer criou uma teoria geral da comunicação. Segundo ele, o princípio por trás de todos os princípios de estilo é a economia da atenção da leitora.⁴⁹ Isso o levou a enunciar o princípio segundo o qual a força da expressão é inversamente proporcional ao tempo e ao esforço mental que ela exige do receptor.⁵⁰ Assim, quando você estiver em dúvida entre duas formas de expressar uma ideia, escolha a que exija da leitora o menor esforço para sua compreensão.⁵¹

Arthur Schopenhauer foi implacável com escritores que não respeitam o tempo da leitora:

O escritor deve usar com parcimônia o tempo, a paciência e a atenção do leitor, para convencê-lo de que o texto é digno de estudo cuidadoso e que o tempo dele será recompensado. É melhor omitir algo importante do que acrescentar algo irrelevante. [...] Portanto, escreva somente a essência. Empregar muitas palavras para comunicar poucas ideias é o sinal inconfundível de mediocridade; compactar um pensamento sólido em poucas palavras é sinal de genialidade.⁵²

O jurista brasileiro ainda não aprendeu a apreciar a elegância da concisão e da simplicidade.⁵³ Ele pensa que a elegância está no rebuscamento palavroso, em cultivar o estilo pelo estilo e não a serviço da mensagem. Quanto mais palavras ele usa para expressar uma ideia, mais intelectualizado ele se sente. A prolixidade é quase uma questão de orgulho profissional: ele usa palavras que se multiplicam sem necessidade, num mar de repetitividade. Jorge Amado fez uma boa descrição do estilo jurídico brasileiro:

A gente de Ilhéus responsabilizava em geral o dr. Rui pelos artigos de *A Folha de Ilhéus* (...), com seu estilo palavroso e de frases redondas e empoladas (...). Manuel de Oliveira era profissional da imprensa (...). Era mais ágil e mais

48. V. Capítulo 5.1.4, *A responsabilidade é do autor*.

49. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 238-39 et passim, 1952.

50. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 259, 1952.

51. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 259, 1952.

52. Arthur Schopenhauer, *On style* [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228-29, 1952.

53. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 24, 1963.

direto, quase sempre fazia mais sucesso. Quanto aos artigos do Dr. Genaro, eram cheios de citações jurídicas, o advogado (...) era geralmente considerado o homem mais culto da cidade, falava-se com admiração das centenas de livros que ele possuía.⁵⁴

Essa é uma excelente fotografia do estilo jurídico brasileiro. Para exibir erudição e ser admirados, juristas empregam palavras longas e exóticas e enfeitam seus artigos com clichês e latim. Quem consegue se comunicar com o leitor é o profissional de imprensa, que escreve com agilidade, não com o ego.

Juristas precisam entender que escrevem para profissionais ocupados. Imagine a juíza lendo sua petição no final do expediente, antes de sair para dar aula na faculdade, com o filho em casa com febre, e você entenderá a importância de ser conciso.⁵⁵ O Ministro John Roberts da Suprema Corte norte-americana foi enfático: “eu nunca terminei de ler uma petição e pensei ‘eu queria que ela fosse mais longa’. Quase todas as petições que eu leio poderiam ser mais curtas.”⁵⁶

Quanto mais tempo a leitora gasta para entender a mensagem, menos tempo ela terá para considerá-la. Se o texto estiver ambíguo ou for difícil de ler, você pode antagonizar a leitora. Isso pode levar à rejeição da sua tese, ainda que você tenha razão.⁵⁷

A escolha é sua: você pode dizer a mesma coisa de forma sucinta ou verborágica.⁵⁸ Você não está escrevendo um romance nem a leitora lerá o texto para se distrair. Como ensina William Zinsser,

“O segredo do bom estilo é reduzir cada oração aos seus componentes básicos. Cada palavra que não tem uma função, cada palavra longa que poderia ser curta, cada advérbio que contém o mesmo significado que já está no verbo, cada voz passiva ambígua – esses são os milhares adulterantes que enfraquecem a força de uma frase.”⁵⁹

Portanto, não use uma expressão de cinco palavras se puder usar uma preposição de quatro letras. Não use dois parágrafos se puder usar duas frases. Não leve duas páginas dizendo o que poderia ser dito em um parágrafo. O texto deve ser escrito com o mínimo de palavras possível. Mas não cometa o erro oposto. Um texto jurídico não é um telegrama: as palavras necessárias para a compreensão do leitor ou para a completude gramatical não podem ser omitidas. Encontrar esse equilíbrio é difícil e exige sensibilidade: a explicação exagerada é tão ruim quanto a insuficiente.⁶⁰

54. Jorge Amado, *Terras do sem-fim*. Companhia das Letras, 1943.

55. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 61, 2018.

56. Entrevista, *Scribes Journal of Legal Writing*, v. 13, p. 35, 2010.

57. Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 196, 2013.

58. David Mellinkoff, *The language of the law*, p. 412, 1963.

59. William Zinsser, *On writing well*, p. 6-7, 2006.

60. Richard K. Neumann & Kristen Konrad Tiscione, *Legal reasoning and legal writing*, p. 154, 2013.

Seja denso. Use as palavras com parcimônia, apenas quando elas têm algo a acrescentar. Respeite a leitora e não desperdice o tempo dela com inutilidades. Você não precisa explicar cada detalhe como se fosse para uma estudante primária. Seu objetivo é obter o maior efeito na leitora, exigindo dela o menor esforço. Não é seu interesse fazê-la reler o texto para entender a mensagem, mas refletir sobre ela e absorvê-la. Como disse Herbert Spencer, “quanto mais tempo e atenção o leitor precisar para processar e compreender cada frase, menos tempo e atenção ele terá para entender a ideia, e menos vivamente ele vai entendê-la”.⁶¹

2.1.8 Evite palavras e expressões inúteis

... faça com que cada palavra conte. █

William Strunk (1869-1946) e
E.B. White (1899-1985)⁶²

Toda essa preocupação em cortar palavras pode parecer tolice: o que duas ou três palavrinhas podem afetar um texto? Nada. O problema é que nunca são duas ou três. Quem escreve uma frase repetitiva escreve também uma expressão tautológica e abusa de palavras muleta. E o excesso se acumula como erva daninha, tomando conta do texto e escondendo a parte relevante. Uma única palavra extra em um texto de 15 páginas não oferece nenhum problema; mas um documento inteiro com construções inúteis fica pesado e difícil de ler.

Se não formos obcecados por cortar cada palavra inútil, elas se multiplicarão e enfraquecerão a mensagem. Palavras desnecessárias reverberam e criam ruído na comunicação, como o chiado numa velha gravação. Elas diminuem a velocidade da leitura. Por isso, apague todas palavras e expressões que possam ser omitidas sem comprometer a clareza e precisão da mensagem.⁶³ Use apenas o essencial para comunicar sua ideia e ela será ressaltada. Ninguém melhor que William Strunk resumiu essa lição:

O estilo vigoroso é conciso. Uma frase não deve ter palavras desnecessárias, um parágrafo não deve ter frases desnecessárias, pelo mesmo motivo que um desenho não deve ter linhas desnecessárias e uma máquina não deve ter peças desnecessárias. Isso não quer dizer que o autor deva escrever todas as frases curtas ou que deva evitar qualquer detalhe e tratar o assunto de forma superficial, mas que ele faça com que cada palavra conte.⁶⁴

61. Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 239, 1952.

62. William Strunk Jr., *The elements of style*, 1918; William Strunk Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979 (“... make every word tell.”).

63. George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], p. 130, 1894; George Orwell, *Politics and the English language*, 1946; William Strunk, Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979; William Zinsser, *On writing well*, p. 6, 2006; T. A. Rickard, *Technical writing*, p. 23, 1923.

64. William Strunk Jr., *The elements of style*, 1918; William Strunk Jr. & E. B. White, *The elements of style*, p. 23, 1979.

Aí está o segredo da concisão. Esse é um dos textos mais frequentemente citados pelos estilistas. A parte final – “faça com que cada palavra conte” (*make every word tell*) – contém uma das lições mais importantes sobre estilo: cada palavra deve ter uma função essencial e trabalhar duro para conquistar o direito de estar no seu texto. Escreva de forma que menos palavras trabalhem mais para comunicar sua ideia.⁶⁵

O desafio do jurista brasileiro para este século é abandonar a cultura de dizer pouco com muitas palavras e passar a dizer mais e melhor com menos. Essa é uma lição milenar.⁶⁶ O objetivo do bom escritor é produzir um texto com a metade do tamanho e o dobro do impacto.

Quem quer comunicar uma ideia diz o que pensa diretamente e guia o leitor pelo seu raciocínio; quem não sabe o que quer dizer esconde sua superficialidade num cipoal de palavras.⁶⁷ Afinal, sempre soubemos intuitivamente que quem mais fala menos tem a dizer.⁶⁸

Escritores inexperientes divagam tortuosamente em palavras vazias, analisando a mesma coisa sob vários ângulos, achando que estão sendo didáticos, enfático ou exaustivos. O texto vira um amontoado de palavras inúteis e ideias repetitivas. A análise se torna evasiva, cheia de rodeios, caminhando à deriva. Ao inchar e se perder na forma, o texto fica oco, não enfrentando os principais problemas.

O texto inteligente, porém, é breve e direto ao ponto: “A brevidade é a essência da sabedoria”, disse Shakespeare.⁶⁹ Você não quer que digam de você o que Abraham Lincoln disse de um advogado: “mais do que qualquer pessoa que eu conheça, ele consegue comprimir o maior número de palavras dentro das menores ideias possíveis.”⁷⁰ Machado de Assis não cairia nessa armadilha: “... nada há mais feio que dar pernas longuíssimas a ideias brevíssimas”.⁷¹

Muitos escrevem como se fossem pagos por cada palavra escrita; o bom escritor escreve como se fosse pago por cada palavra omitida.⁷² O bom escritor vai experimentar laboriosamente, obsessivamente, com cada frase, até estar convicto de que não pode fazê-las mais sucintas sem sacrificar a clareza.⁷³

65. Gary Provost, *Make every word count*, 1980; *idem*, *Make your words work*, 2001.

66. Sophocles (c. 496-406 AC); Pitágoras (c. 570 – c. 495 BC), in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872; Herbert Spencer, *The philosophy of style* [1852], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 260, 1952; George Henry Lewes, *The principles of success in literature* [1865], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 293, 1952.

67. Arthur Schopenhauer, *On style* [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 228, 1952.

68. Matthew Prior (1664-1721), *Alma; or, the progress of the mind*, *The poetical works of Matthew Prior*, v. II, p. 28, 1835.

69. William Shakespeare, *Hamlet*, 1602.

70. Abraham Lincoln, *The Works of Abraham Lincoln*, vol 1, p. 378, 1908.

71. Machado de Assis, *Dom Casmurro*, 1899.

72. John R. Trimble, *Writing with style*, p. 48-9, 2011.

73. John R. Trimble, *Writing with style*, p. 49, 2011.

Quintiliano já nos dizia dois mil anos atrás que “o que não ajuda atrapalha”.⁷⁴ Para Arthur Schopenhauer, cada palavra supérflua que permanece no texto é prejudicial.⁷⁵ Cada parágrafo, cada frase, cada expressão, cada palavra, cada sílaba precisa ter uma função definida no texto e contribuir para a comunicação do pensamento. Se uma mesma ideia está sendo discutida de duas formas diferentes, combine os textos evitando repetição. Apague tudo que não seja essencial ao seu objetivo: tudo que *pode* ser omitido sem comprometer o conteúdo *deve* sê-lo. Afinal, como disse Antoine de Saint-Exupéry, “a perfeição não é atingida quando não há mais nada para acrescentar, mas quando não há mais nada para retirar”.⁷⁶

Essa lição milenar é facilmente transposta para a linguagem jurídica persuasiva: “qualquer fato, qualquer observação, qualquer argumento que não fortalece seu pensamento, enfraquece-o, distraindo a atenção” do leitor dos aspectos relevantes.⁷⁷

2.1.9 Repetição deliberada e repetição viciosa

Texto completo não é o que contém todas as informações, mas o que contém todas as informações relevantes e nenhuma irrelevante.

Ao tirar a gordura, há que se ter cuidado para não cortar na carne e comprometer o conteúdo, a fluidez, a clareza ou a elegância do texto. Não se deve, em nome da concisão, criar um texto lacônico, difícil de ler. Distinguir entre o relevante e o excessivo demanda sensibilidade para identificar o que o leitor precisa saber para entender a mensagem. O autor precisa, portanto, encontrar o equilíbrio entre os diversos princípios de estilo.⁷⁸

Da mesma forma que há colesterol bom e colesterol ruim, há repetição boa e repetição ruim. A repetição condenada é aquela inútil, fruto de desatenção. A repetição deliberada, porém, pode ser utilizada para obter clareza, precisão, ritmo, ênfase ou coesão.⁷⁹

O princípio da concisão repudia palavras inúteis, que roubam a vitalidade do texto. Às vezes, porém, algumas poucas palavras inúteis, quando criteriosamente posicionadas, podem aprimorar a cadência de uma frase e produzir um texto memorável.⁸⁰ Várias figuras de linguagem fundadas na repetição de sons, palavras ou

74. Quintilian (35 AD–100 AD), *Institutes of oratory*, 95. V. ainda Pitágoras (c. 570 BC – c. 495 BC), in Maturin Murray Ballou, *Treasury of thought: forming an encyclopedia of quotations from ancient and modern authors*, p. 474, 1872.

75. Arthur Schopenhauer, *On style* [1851], in Lane Cooper (ed.), *The art of the writer*, p. 229, 1952. V. ainda Hugh Blair, *Lectures on rhetoric and belle lettres*, vol. 1, p. 286, 1787.

76. Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), *Terre des hommes*, p. 60, 1939; *idem*, *Wind, sand, and stars*, p. 66, 1939.

77. Antonin Scalia & Brian A. Garner, *Making your case: The art of persuading judges*, p. 182, 2008.

78. V. Capítulo 2.1.2, *A concisão e os demais princípios de estilo*.

79. V. Capítulo 2.5.10, *Ambiguidade deliberada e ambiguidade viciosa*.

80. Anne Enquist e Laurel Oates, *Just writing: Grammar, punctuation, and style for the legal writer*, p. 119, 2013; Joseph M. Williams and Joseph Bizup, *Style: Lessons in clarity and grace*, p. 132, 2017.

ideias podem ser usadas para criar ênfase, tais como aliteração, anadiplose, anáfora, antanáclase, quiasmo, epanalepse, epístrofe, epizêuxis, pleonasma e polissíndeto.⁸¹

O princípio da concisão, portanto, não é absoluto – nenhum princípio o é. Você pode escrever palavras irrelevantes, desde que haja motivo para fazê-lo. Se você souber o que está fazendo, siga seu instinto de escritor. Desenvolva a sensibilidade para distinguir o necessário do útil e do irrelevante. Com experiência, você desenvolverá empatia para entender quais informações são essência e quais são excesso.

Para ser uma técnica retórica efetiva, a repetição precisa ser feita de forma consciente e parcimoniosa, e com um objetivo definido. A repetição como técnica retórica não é repetir a mesma ideia aleatoriamente várias vezes com outras palavras e batê-la com um martelo até ela entrar na cabeça do leitor. Não é bom estilo ser repetitivo por acidente, até porque se perde o controle sobre o texto. Portanto, use a repetição deliberadamente.

2.1.10 Conclusão

O jurista não quer escrever um texto de transcendental beleza, cujo conteúdo represente mais que a soma das palavras. Ele quer um texto limpo, claro, um texto no qual cada palavra conte e nenhuma possa ser dispensada: ele quer comunicar a mensagem de forma efetiva e eficiente, com o mínimo de palavras possível.

O próximo capítulo discutirá exemplos concretos de aplicação do princípio da concisão.

2.2 ESCREVA DE FORMA CONCISA 2 (APLICAÇÃO)

Menos é mais.

Robert Browning (1812-1889)⁸²

2.2.1 As várias maneiras de violar o princípio da concisão

Clareza e precisão são qualidades primordiais em um texto jurídico. Ao contrário do que acontece em literatura, o advogado não pode se dar ao luxo de escrever um texto aberto a várias interpretações. Por isso, em caso de conflito entre princípios, clareza e precisão sempre terão precedência sobre concisão.⁸³ Por outro

81. V., e.g., Bryan A. Garner, *The elements of legal style*, p. 168-75, 2002.

82. Robert Browning, Andrea del Sarto, *Men and women*, p. 186, 1856 (“less is more”). A expressão é comumente associada a Ludwig Mies van der Rohe (1886–1969), arquiteto alemão e americano, pioneiro da arquitetura minimalista. A expressão é empregada aqui sem os exageros do estilo minimalista da segunda metade do século passado.

83. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 88-89, 2018.

lado, a concisão também pode ser uma forma de obter clareza e precisão.⁸⁴ Aprenda a detectar o ponto a partir do qual a busca de clareza e precisão se transforma em repetição e excesso.⁸⁵

Para escrever de forma concisa, elimine o acúmulo de entulho no texto. Não irrite seu leitor com explicações demasiadas, dizendo coisas que ele já sabe ou pode entender sem explicação.⁸⁶

Há várias maneiras de violar o princípio da concisão – as mais comuns são o uso de palavras e expressões inúteis e a repetição de ideias. Entre as palavras e expressões inúteis, as seguintes merecem destaque:

- 1) Palavras e expressões muleta;
- 2) Adjetivos e advérbios inúteis;
- 3) Adjetivação bajulatória;
- 4) Metadiscurso;
- 5) Repetir-se;
- 6) Pares de palavras;
- 7) Tautologias;
- 8) Construções desnecessariamente longas;
- 9) Perífrases e circunlóquios;
- 10) Pigarros linguísticos.

Esses vícios serão estudados neste capítulo. Em outros capítulos analisaremos vícios que, ao violar outros princípios, também violam o da concisão:

- 1) Voz passiva;
- 2) Negação e dupla negação;
- 3) Substantivação;
- 4) Juridiquês;
- 5) Desenvolver aspectos irrelevantes;
- 6) Elaborar excessivamente o argumento.

Esses vícios maculam o estilo e enfraquecem a mensagem:

A redundância estilística ou retórica é uma das mais comuns formas de prolixidade [...]. Confundindo-se às vezes com o pleonasma típico, ela consiste não apenas em explicitar em demasia, em detalhar superfluamente, em acrescentar ideias já claramente expressas (pleonasma propriamente dito) ou implici-

84. V. Capítulo 1.1.5, *Os princípios de estilo se complementam e se contradizem*.

85. Antonio Gidi & Henry Weihofen, *Legal writing style*, p. 88-89, 2018.

86. William Zinsser, *On writing well*, p. 91, 2006.

tamente subentendidas, logicamente deduzíveis, mas também em sobrecarregar a frase com adjetivos e advérbios, com acumulação de sinônimos e repetição de palavras sem qualquer efeito enfático.⁸⁷

Escritores inexperientes cometem todos esses vícios, e eles se acumulam no texto, tornando-o difícil de ler e de revisar. Para obter concisão, escreva de forma densa, apagando tudo que não for necessário à transmissão da mensagem.

2.2.2 Evite palavras e expressões muleta

2.2.2.1 Introdução

Evite palavras e expressões muleta, sem significado preciso, acrescentadas por tique linguístico. O escritor inexperiente tem a impressão que elas fortalecem a frase, mas o efeito é inverso: elas roubam a vitalidade da mensagem e definham o estilo. Elas parecem exercer uma função, mas não farão falta se apagadas. É como colocar roupas bonitas numa escultura de Michelângelo.

Algumas dessas palavras e expressões são derivadas do discurso oral. As pessoas as empregam inconscientemente para ganhar tempo e poder pensar no que vão falar depois; são cacoetes linguísticos difíceis de evitar. Escritores inexperientes são viciados e não conseguem falar ou escrever sem esses penduricalhos... e eles se acumulam.

É impossível dizer em abstrato se uma palavra ou expressão é inútil. A utilidade somente pode ser aferida dentro do contexto concreto em que ela está sendo empregada. Até as palavras mais feias têm utilidade no momento oportuno. Mas algumas palavras são suspeitas porque são tradicionalmente abusadas por insegurança, hábito ou ignorância. Por isso, você deve exercer especial atenção sobre elas.

Algumas palavras e expressões são inúteis e devem ser apagadas. Essas palavras dão a impressão *justamente* de serem essenciais, ou de fortalecerem *sobremaneira* o significado do texto, mas *a verdade é exatamente* o contrário: elas *apenas* o enfraquecem. *E muito*.

Releia o texto anterior sem as expressões em itálico e decida se elas fazem falta:

Algumas palavras e expressões não são úteis para o discurso e devem ser removidas do seu repertório. Elas dão a impressão de serem essenciais, ou de fortalecerem o significado do texto, mas o enfraquecem.

Como essas palavras são vazias e não têm significado, elas não têm utilidade no texto; se forem apagadas, não mudarão a mensagem. Você poderia pensar que

87. Othon Moacyr Garcia, *Comunicação em prosa moderna*, p. 297, 2014.

elas fortalecem o texto, mas o leitor, que não viu ambas as versões, não perceberá a diferença. Ao contrário, sem elas o texto fica mais conciso e mais enfático. Essas palavras ocupam espaço e diluem a força da mensagem. Elas são tão inúteis e tão irritantes quanto aqueles *né?*, *viu?*, *tá?* viciosos do discurso oral.

O texto bem escrito não contém nenhuma palavra sem função definida. Ele é compacto, porque o leitor tem uma quantidade finita de tempo e energia, e não quer ler palavras desnecessárias.⁸⁸

Faça um exercício: tente apagar cada uma das palavras de uma frase. Uma a uma. Quando uma palavra puder ser apagada sem afetar o conteúdo, apague. Somente devem permanecer aquelas que não possam ser apagadas sem comprometer o sentido do texto.

2.2.2.2 Algumas expressões muleta

Cada escritor tem seus cacoetes linguísticos. Descubra os seus e os anule. Abaixo estão algumas expressões comumente empregadas como muletas:

<i>a nível de</i>	<i>em substância</i>	<i>no sentido pleno da palavra</i>
<i>a realidade é que</i>	<i>em tela</i>	<i>ou não</i>
<i>a situação é que</i>	<i>em tempo</i>	<i>por certo</i>
<i>a verdade é que</i>	<i>em teoria</i>	<i>por demais</i>
<i>a rigor</i>	<i>em termos (linhas) gerais</i>	<i>por si</i>
<i>a saber</i>	<i>em tese</i>	<i>por sua vez</i>
<i>acima de tudo</i>	<i>em verdade</i>	<i>propriamente dito</i>
<i>com certeza</i>	<i>na hipótese</i>	<i>qual seja</i>
<i>com efeito</i>	<i>na realidade</i>	<i>sem (sombra de) dúvida (nenhuma)</i>
<i>como um todo</i>	<i>na sequência</i>	<i>se não vejamos</i>
<i>de certa forma</i>	<i>na sociedade contemporânea</i>	<i>senão vejamos</i>
<i>de fato</i>	<i>na verdade</i>	<i>sendo que</i>
<i>de modo geral</i>	<i>nada mais, nada menos</i>	<i>tão somente</i>
<i>de per si</i>	<i>nessa ordem de ideias</i>	<i>um tipo de</i>
<i>de todo</i>	<i>nesse passo</i>	<i>uma espécie de</i>
<i>de todo modo</i>	<i>nesta sede</i>	<i>vale dizer</i>
<i>em geral</i>	<i>no fundo</i>	
<i>em princípio</i>	<i>no mínimo</i>	
<i>em rigor</i>	<i>no mundo contemporâneo</i>	
<i>em sede de</i>	<i>no particular</i>	
<i>em si</i>	<i>no que concerne a</i>	

88. Ian Gallacher, *Legal communication and research: Lawyering skills for the twenty-first century*, p. 104, 2015.

Algumas dessas expressões, além de inúteis, são arrogantes: nada mais piegas que escrever *a saber* ou *qual seja*, duas expressões comumente abusadas por juristas inseguros que querem falar difícil.⁸⁹ Para parecerem eruditos e superiores, eles as usam até mesmo em textos escritos para leigos. Os mais metidos se deleitam em empregar a expressão no plural (*quais sejam*). E há um espaço reservado no purgatório para aqueles que as usam no discurso oral. Não seja um arrogante prolixo – use dois pontos ou omita essas expressões.

Este livro contém quatro capítulos, quais sejam,

Este livro contém quatro capítulos:

O réu tinha duas opções, a saber,

O réu tinha duas opções:

Essas expressões não têm nenhuma utilidade, a não ser dar aquele cheirinho de mofado do juridiquês. *Senão vejamos* é igualmente inútil.

Outras expressões são de todo inadequadas, como a expressão *de todo*, empregada nesta frase. Elas não exercem nenhuma função comunicativa.

Algumas expressões inúteis dão um tom hesitante ao seu estilo, enfraquecendo-o. Escritores inseguros não conseguem falar nada sem jogar uma expressão hesitante como *em substância*, *em princípio*, *em tese*, *em geral*, *em termos gerais*, *a rigor*.⁹⁰ Muitos o fazem porque essas expressões tornam qualquer afirmação inviolável. A qualquer crítica, pode-se sempre responder “eu não disse x, eu disse que era relativamente x” ou “eu disse em tese”.

Algumas expressões muleta tradicionais no discurso jurídico têm suas existências contestadas por gramáticos, como *a nível de* e *em sede de*.

Escritores inexperientes também gostam de incluir *ou não* desnecessariamente em toda pergunta: *você vai para o tribunal ou não?* O mesmo vício acontece em outras línguas (*or not*). O *ou não* é inútil. Basta perguntar *você vai para o tribunal?*

Uma empresa somente poderá ser citada por meio do seu representante legal e somente responderá se quiser. Daí ser um cacoete inútil requerer a citação do réu, *por meio de seu representante legal, para, querendo, responder..* O único motivo plausível para acrescentar *querendo* é induzir a ré, de má-fé, a pensar que não haverá consequência para a falta de resposta (“responda só se quiser; se não quiser, não responda”). Por isso, é particularmente problemático encontrar essa palavra em mandados de citação oficiais.

89. V. Capítulos 2.8.9, *Evite expressões arrogantes ou arcaicas*; 2.2.9.14, *Pigarros linguísticos no meio da frase*.

90. V. Capítulo 2.10.4, *Não escreva de forma hesitante*.

2.2.2.3 Algumas palavras muleta

<i>absoluta</i>	<i>grande</i>	<i>precitado</i>
<i>algum</i>	<i>imperativa</i>	<i>quase</i>
<i>basicamente</i>	<i>mais</i>	<i>referida</i>
<i>basilar</i>	<i>mesmo</i>	<i>relativamente</i>
<i>bastante</i>	<i>muito</i>	<i>substancialmente</i>
<i>certamente</i>	<i>multitudado</i>	<i>talvez</i>
<i>certo</i>	<i>notadamente</i>	<i>todo</i>
<i>decerto</i>	<i>nenhum</i>	<i>vejamos</i>
<i>determinada</i>	<i>ora</i>	<i>verdadeiro</i>
<i>essencialmente</i>	<i>parece</i>	<i>vivo</i>
<i>geralmente</i>	<i>praticamente</i>	

Muitas palavras muleta são adjetivos e advérbios, discutidos adiante.⁹¹

2.2.2.4 Elimine artigos, preposições e possessivos desnecessários

Sempre que possível, elimine artigos definidos (*o, a, os, as*), artigos indefinidos (*um, uma, uns, umas*), preposições (*de, do*) e pronomes possessivos (*seu, sua*). O escritor inseguro pensa que essas palavras são importantes para obter clareza e precisão; mas elas não são importantes para o leitor. A economia pode não parecer muita, mas fará o texto mais rápido e vigoroso.

a sua petição (a petição ou sua petição)
alguns dos exemplos (alguns exemplos ou os exemplos)
o seu pedido (o pedido ou seu pedido)
o aborto é um assunto delicado (aborto é assunto delicado)
melhor do que (melhor que)
tudo o que (tudo que)
em que (que)

Particularmente desnecessário é usar o pronome possessivo antes de partes do corpo, parentes e substantivos abstratos, quando essas palavras se referem à pessoa mencionada.⁹²

O autor quebrou a sua cabeça (a cabeça)
A ré contratou a sua prima (a prima)
O autor exerce o seu direito (o direito)

91. V. Capítulo 2.2.3, *Evite adjetivos e advérbios inúteis*.

92. V. Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, p. 166, 2015. V. ainda Edmundo Dantès Nascimento, *Linguagem forense*, p. 28, 2015; Osvaci Amaro Venâncio Júnior, *Redação jurídica sem mistério*, p. 37, 2019.

Se você disser que uma pessoa quebrou a cabeça, sabemos que foi a dela, a menos que você diga que ela quebrou a cabeça de outra pessoa.

Quando você encontrar expressões como *uma certa* ou *uma outra*, elimine ambas. Não sendo possível, escolha uma ou outra:

uma certa pessoa (*certa pessoa* ou *uma pessoa*)

uma outra forma (*outra forma* ou *uma forma*)

Busque no texto de expressões como *a sua*, *o seu*, *as suas*, *os seus*, *sua*, *seu*, *do que*, *de que*. Você encontrará preciosas oportunidades para apagar palavrinhas inúteis.

Eu não contei quantos artigos e possessivos apaguei deste livro depois de tê-los escrito. Mas foram muitas centenas: se colocássemos todos em um saco, eles pesariam uns bons quatro quilos. E deixei outros tantos porque me pareceram úteis para a mensagem ou para a eufonia (muitos devem ter permanecido por ignorância ou inadvertência). Na revisão para a segunda edição, muitos dos que sobraram já não me pareceram úteis e tive uma nova oportunidade de apagar outro punhado. Na terceira edição, apaguei outros tantos. Aposto como você não vai notar a falta deles. Não economizei uma página sequer, mas o estilo ficou mais rápido e a leitura, mais leve. Valeu o esforço.

Mas não deixe isso virar uma obsessão: nem sempre essas palavras precisam ou podem ser omitidas. Confie no seu ouvido de escritor. Por exemplo, não tente economizar o artigo em expressões como as seguintes:

Referida arma foi encontrada.

Mencionada testemunha faltou com a verdade.

Aludido material não foi encontrado.

Prefira *a referida arma*, *a mencionada testemunha* e *o aludido material*.⁹³ O texto fica menos seco e mais agradável, e você não passa ridículo.

2.2.2.5 Conclusão

Como tudo que se refere aos princípios de estilo, não se pode dizer que as palavras e expressões listadas neste capítulo devam ser sempre evitadas. Elas não são erradas nem feias nem inúteis, e podem mesmo ser essenciais em algumas situações.

Porém, como elas são comumente abusadas por escritores inexperientes, você deve exercer controle estrito sobre elas. Ao detectar uma dessas palavras ou expressões em seu texto, certifique-se de que ela é essencial para a comunicação da mensagem e que você não a usou por hábito ou insegurança. Você pode fazer o

93. V. Luiz Antonio Sacconi, *Dicionário de erros, dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*, p. 77, 2021.